

Avaliação de Impacto Social metodologias e reflexões.

Organização e edição



Instituto para o
Desenvolvimento do
Investimento Social

Parceiros



AUTORES

Paula Fabiani: Diretora-presidente IDIS

Sofia Rebehy: Analista de projetos IDIS

Rafael Camelo: Diretor de Avaliação e Planejamento
Plano CDE

Francisco José Vicente: Gestor de Investimentos e
Aceleração Yunus Negócios Sociais

Marcelo Mosaner: Gerente de Monitoramento e
Aprendizagem Fundación Avina

SUMÁRIO

Introdução	4
1. Conceitos importantes	5
2. Resultados da Pesquisa	7
3. Metodologias de Avaliação de Impacto	9
4. Definindo a Metodologia de Avaliação de Impacto	13
5. Cases	16
5.1. Avaliação SROI do Programa VIM	
5.2. Avaliação do negócio social Moradigna	
5.3. Avaliação quase experimental do case Geekie Games	
6. Comentários Finais	24
Anexos	25
I. Detalhamento da Pesquisa Survey Monkey	
II. Utilização de variáveis instrumentais na avaliação da política de vouchers na Colômbia	
III. Guias	
IV. Bases de dados secundários	
Bibliografia	29

INTRODUÇÃO

Impactos sociais são muitas vezes subjetivos e difíceis de se mensurar. Essa complexidade representa um grande desafio para projetos e negócios sociais, que, na sua maioria, acabam não tendo seus impactos avaliados. Apesar das dificuldades e do custo envolvido, é uma certeza que a mensuração do impacto é o caminho para o desenvolvimento de intervenções cada vez mais efetivas e contributivas para a construção de sociedades mais justas e sustentáveis.

A ideia de escrever este artigo surgiu na Rede de Medição de Impacto, um grupo liderado pelo Insper Metricis e ICE (Instituto de Cidadania Empresarial), que tem o objetivo de fomentar a Avaliação de Impacto no Brasil, como parte da Força Tarefa de Finanças Sociais¹. A iniciativa do artigo ficou sob responsabilidade do IDIS (Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social) e contou com a contribuição de representantes da Fundação Avina, Plano CDE e Yunus Negócios Sociais.

Em várias partes do mundo, em especial em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, a avaliação tem se tornado uma ferramenta imprescindível para a tomada de decisão. No Brasil essa prática ainda não é tão comum. Para apoiar a disseminação desse instrumento no país, é importante discutir ainda mais sua complexidade e apresentar os caminhos possíveis para cada tipo de intervenção.

Antes de iniciar essa jornada, procuramos trazer evidências dessas percepções. Para isso, realizamos uma pesquisa utilizando questionários para entender melhor o cenário nacional da Avaliação de Impacto e as metodologias de avaliação mais utilizadas em projetos e negócios sociais. A pesquisa confirmou que, embora seja considerado um tema importante, a Avaliação de Impacto de projetos e negócios sociais ainda é incipiente no Brasil.

Entretanto, avaliar é uma condição indispensável para o gerenciamento de projetos e negócios sociais, pois fornece dados para a verificação da efetividade das estratégias escolhidas, do impacto gerado, e permite o aprimoramento contínuo, além de reforçar a legitimidade das intervenções.

Neste artigo vamos apresentar os principais termos e conceitos sobre o tema e contribuir para compreensão dos diversos tipos de metodologias de avaliação. Além disso, queremos lançar um pouco de luz a questões que gestores e investidores sociais se colocam diante do desafio de avaliar seu impacto, com estudos de casos que vão auxiliar a compreensão e a reflexão do leitor.

Esperamos que nosso esforço e intenção ajudem a ampliar o número de intervenções com impacto positivo no país. Boa leitura!

¹ Mais informações sobre a Força Tarefa de Finanças Sociais podem ser encontradas em: <http://forcatarefafinancassociais.org.br/>.

1 CONCEITOS IMPORTANTES

Do latim *impactus*, o impacto é o efeito diretamente atribuível a uma ação, ou a consequência de determinado esforço para atingir um fim estabelecido. No contexto de programas, projetos ou investimentos sociais, o impacto é simplesmente o conjunto de mudanças produzidas pela intervenção. Estas mudanças podem ser intencionais e não intencionais, positivas e negativas, diretas e indiretas. Por essa razão, é importante compreender que o impacto pode ser mais amplo do que os objetivos declarados de uma intervenção ou negócio², o que afeta seu processo de medição e valoração.

A Avaliação de Impacto é um tipo de avaliação que se propõe a fornecer evidências sobre os impactos produzidos - ou que se espera produzir - com o intuito de detectar ou comprovar que os impactos foram, pelo menos em parte, gerados pelo projeto, programa, política ou negócio.

A Avaliação de Impacto difere de outras formas de avaliação de projetos devido a sua busca por elementos que possibilitem estabelecer uma relação de causa e efeito entre a intervenção e seus impactos. Essa relação de causa (intervenção) e efeito (impacto) é chamada de 'inferência causal', ou 'laços de causalidade'.

Essa avaliação é parte do campo mais amplo de avaliações, que inclui outros tipos, como análise de necessidades, avaliação de processo, avaliação de resultado e avaliação econômica (OWEN; ROGERS, 1999). Para tornar clara a diferença entre os tipos de avaliação e como elas se complementam, seguem brevemente algumas delas (focadas em projetos, mas que se aplicam a programas, políticas e negócios):

- Análise de necessidades: procura identificar os critérios para o sucesso do projeto, incluindo identificação e priorização de necessidades do público atendido. Contribui com a Avaliação de Impacto ao fornecer critérios mais globais de sucesso do projeto.
- Avaliação de processo: é complementar ao monitoramento e procura avaliar a qualidade da implantação e as mudanças ou tendências no problema que está sendo abordado pelo projeto. Permite à Avaliação de Impacto distinguir entre:
 - Falha na implementação: quando o programa não produziu os impactos pretendidos porque não foi adequadamente implementado.
 - Falha teórica: quando o programa foi adequadamente implementado, mas não produziu os impactos pretendidos (o que pode significar que as bases teóricas do funcionamento do programa estão incorretas).

² A Artemisia define cinco dimensões nas quais negócios sociais podem gerar impacto social: diminuição dos custos de transação, redução das condições de vulnerabilidade, ampliação das possibilidades de aumento de renda, incentivo a oportunidades de desenvolvimento e fortalecimento da cidadania e dos direitos individuais. Para conhecê-las em detalhe, acesse o site da organização: <http://artemisia.org.br/conteudo/negocios/impacto-social.aspx>.

- Avaliação de resultado: também chamado de monitoramento dos resultados, esse tipo de avaliação pode servir à prestação de contas, levantamento de dados e análise de tendências ao longo do tempo e ajuda os gestores a 'contar a história' do projeto ou negócio social. Ela pode ser usada na Avaliação de Impacto fornecendo um meio simples de rastrear os insumos, os produtos e, em certa medida, os resultados ao longo do tempo³.

- Avaliação econômica: este tipo de avaliação considera, além da estimação do impacto causado por um projeto a partir de análises quantitativas, o cálculo do retorno econômico da iniciativa (PEIXOTO et al., 2016).

Além dos diferentes tipos de avaliação, também é importante pontuar o papel da Teoria de Mudança no processo de Avaliação de Impacto. A Teoria de Mudança descreve como as atividades de uma intervenção contribuem para uma cadeia de resultados intermediários que, por sua vez, produz impacto. Sua construção⁴ contribui tanto com a identificação das lacunas na lógica do projeto - que podem ser priorizadas na Avaliação de Impacto - como no levantamento de resultados e impactos. Assim, o presente trabalho considera a Teoria de Mudança como ferramenta a serviço da Avaliação de Impacto, e não uma metodologia de avaliação em si.

Em todo processo de medição, criamos e analisamos indicadores para o monitoramento das atividades que o projeto, programa ou negócio social realiza com o objetivo final de gerar impacto. Os indicadores também são necessários para a análise do impacto em si, seja para a mensuração de aspectos quantitativos ou qualitativos. Porém, se a coleta de dados para um indicador gerar um esforço maior do que o benefício da informação que fornece, ele facilmente deixará de ser reportado. Assim, os indicadores são comumente identificados com a sigla SMART (sigla do inglês), pois devem ser: específicos (*Specific*), mensuráveis (*Measurable*), alcançáveis (*Achievable*), relevantes (*Relevant*) e definidos no tempo (*Time-Bound*) (PNUD, 2009).

³ Importante notar que os resultados indicam avanços de curto e médio prazos em direção ao alcance do impacto de longo prazo.

⁴ O passo a passo para a construção da Teoria de Mudança é descrito no guia prático para avaliação de negócios de impacto social, disponível em:

http://www.movesocial.com.br/wp-content/uploads/2017/11/2017_Guia-Pr%C3%A1tico-Avalia%C3%A7%C3%A3o-para-Neg%C3%B3cios-de-Impacto-Social_Artemisia_ABE_Move.pdf

2 RESULTADOS DA PESQUISA

Para orientar este trabalho foi realizada uma pesquisa para mapear o cenário da Avaliação de Impacto no Brasil e as metodologias de avaliação utilizadas em projetos e negócios sociais⁵. Ainda que o *survey* tenha sido difundido para diversos públicos, a maioria das respostas foi de pessoas ligadas a institutos, fundações e associações. Os principais pontos encontrados, apresentados abaixo, indicam que embora seja considerado um tema de suma importância⁶, a Avaliação de Impacto Social de programas e organizações ainda é incipiente no Brasil⁷.

O ‘custo elevado’ aparece como o principal desafio para a medição de impacto, ao passo que é um fator limitante tanto para a frequência como para a ampliação transversal da medição de impacto a todos os projetos da organização. A insegurança em relação à adequação e à eficácia dos métodos de medição de impacto também aparece como aspecto relevante à expansão da medição de impacto no país. Outra dificuldade apontada foi o prazo de execução, que pode ser longo demais para as necessidades da organização.

Conjuntamente com o ‘elevado custo’, identificamos que as diferentes metodologias de medição de impacto são ainda desconhecidas entre os respondentes⁸. Quando perguntados sobre o nível de interesse em participar de um curso de curta duração sobre metodologias de Avaliação de Impacto, muitos assinalaram a opção SROI – *Social Return on Investment* e Teoria de Mudança. Todavia, menos da metade dos participantes respondeu a esta pergunta, e muitos deles escreveram não ter conhecimento suficiente para opinar sobre metodologias ou simplesmente declararam ter interesse em qualquer metodologia, o que sinaliza o baixo nível de conhecimento sobre o tema. Segundo uma das sugestões recebidas, a realização de um curso introdutório, no qual seriam disponibilizadas diversas metodologias e suas vantagens e desvantagens, parece ser um caminho adequado. Apenas um dos respondentes mencionou técnicas de aleatorização, consideradas como o ‘padrão-ouro’ e de maior custo da medição de impacto.

Mesmo em meio a este aparente desconhecimento, quando perguntados sobre a relação entre finanças e medição de impacto, 61,6% responderam que a medição de impacto influencia a atração de recursos para projetos e negócios, contra 27,9% que reportaram

5 O detalhamento da amostra e os resultados da pesquisa são apresentados no Anexo I.

6 Esta informação está de acordo com o dado de pesquisa centrada em negócios sociais (1º Mapa de Negócios de Impacto Social + Ambiental, realizada pela Pipe Social em 2017 e com amostra de 579 negócios sociais): para 28% dos entrevistados, medir ou acompanhar o impacto não é algo necessário. Disponível em: <https://pipe.social/mapa2017>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

7 Na pesquisa 1º Mapa de Negócios de Impacto Social + Ambiental, somente 1% dos respondentes afirmam contratar auditoria externa e informar os resultados da avaliação. Disponível em: <https://pipe.social/mapa2017>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

8 No mesmo sentido, o 1º Mapa de Negócios de Impacto Social + Ambiental aponta que 31% dos negócios sociais ainda não definiram indicadores de impacto, o que significa que ainda não iniciaram qualquer tipo de Avaliação de Impacto. Disponível em: <https://pipe.social/mapa2017>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

que a medição não tem qualquer influência sobre alocação de investimentos, o que é um dado alarmante. Apenas cerca de 7% dos respondentes afirmaram que a Avaliação de Impacto já afeta a remuneração de acionistas, normalmente por meio de contratos de impacto social.

Finalmente, o pouco conhecimento do tema e a ausência de uma linguagem comum que contribua para a difusão de seus principais conceitos parecem ser as maiores barreiras para o seu desenvolvimento no país. Nesse cenário, a medição do impacto social produzido pelos programas e intervenções não é vista como uma aliada à captação de recursos – muito pelo contrário, a avaliação é vista como ‘custo’ e não como parte integrante do investimento social. Diversas organizações comentaram que em um cenário econômico adverso, temas como a própria sobrevivência financeira da organização e a manutenção de projetos já em andamento acabam prevalecendo sobre a possibilidade de avaliar o impacto de seus programas e projetos.

A lógica de que um programa ou projeto com resultados verificados e comprovados tem condições maiores de concorrer por financiamento parece não ter ainda se cristalizado no país. Existe também uma tensão entre a conhecida necessidade de realizar avaliações de impacto e o interesse pelo tema, e a real aplicação de metodologias de medição. Ou seja, a medição de impacto é um assunto muito falado, mas pouco conhecido, e ainda é vista como algo caro e complicado e seu valor para a transformação socioambiental ainda não está, de fato, esclarecido.

Entretanto, o futuro se mostra promissor para a Avaliação de Impacto. Dentre os aspectos positivos, pode-se destacar que o interesse pelo tema é de fato crescente, de modo que é possível que a contemplação da medição de impacto em projetos e negócios sociais também avance bastante no país caso os obstáculos levantados nessa pesquisa sejam vencidos.

3 METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO

Tipologia de métodos de Avaliação de Impacto

Um elemento importante em vários dos métodos de Avaliação de Impacto é o chamado grupo de controle (ou grupo de comparação). Ou seja, o conjunto de indivíduos não participantes do projeto (ou não usuários do negócio) que guardam semelhanças com o grupo de participantes/usuários (chamado grupo de tratamento). O grupo de controle é considerado um elemento chave para gerar argumentos em favor da relação de causa e efeito entre o projeto (ou negócio) e as mudanças na realidade de seus beneficiários, ou usuários, provocadas por causas diversas.

De forma geral, os métodos de Avaliação de Impacto são classificados pela forma como se criam os grupos de controle. Nesse sentido, há três classes de métodos⁹:

- Métodos experimentais: constroem um grupo de controle através de atribuição aleatória da participação na intervenção.
- Métodos quase experimentais: estabelecem um grupo de comparação através, por exemplo, de técnicas de pareamento, com base em características observadas nos grupos de controle e tratamento.
- Métodos não experimentais: definem grupos de controle hipotéticos ou utilizam estratégias não baseadas em contrafactuais¹⁰ para inferir a causalidade dos impactos.

O elemento central nos métodos experimentais (conhecidos como *Randomised Control Trials* - RCTs) é a alocação aleatória de participantes potenciais para os grupos de controle ou tratamento. Por meio da aleatorização, os RCTs procuram criar grupos equivalentes nas condições iniciais (pré-intervenção), de modo que qualquer diferença entre os grupos observados pode ser contabilizada como impacto da intervenção. Por isso, os RCTs são considerados o 'padrão-ouro' nas avaliações de impacto, e são mais complexos de implementar.

Por partir do princípio estatístico de que dois grupos terão características similares se escolhidos aleatoriamente e em grande amostra, o método experimental é melhor aproveitado quando se avalia intervenções de elevado porte, como políticas ou programas públicos estaduais, pois requer coleta de dados primários em larga escala (WHITE, 2011).

Os métodos quase experimentais procuram imitar as condições de um RCT. Esses tipos de avaliações de impacto são úteis quando a

9 Definição similar é apresentada no guia desenvolvido pelo Insper Metricis, disponível em: <https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/Avaliacao-Impacto-Socioambiental-Investimentos-Guia.pdf>.

10 Contrafactual: o que teria acontecido sem a intervenção, projeto ou negócio social.

alocação aleatória para grupos de tratamento e de controle não é possível, dependendo, portanto, de outros métodos para construir um grupo contrafactual.

Esses métodos não são capazes de reduzir todo o viés de seleção, de modo que apenas parte das diferenças entre os grupos de tratamento e de controle pode ser atribuída ao impacto da intervenção (SHADISH et al., 2002). Os métodos quase experimentais mais comuns são:

- **Regression Discontinuity Design:** o método de regressão com descontinuidade é útil quando uma intervenção é atribuída com base em um ponto de corte bem definido (por exemplo, um projeto de educação que é destinado apenas a alunos com notas abaixo de determinado valor) e os dados estão disponíveis para participantes e não participantes. Esse método é particularmente útil quando há elevado conjunto de dados, sendo possível encontrar grandes tamanhos de amostra em torno do ponto de corte.

- **Instrumental Variables:** as variáveis instrumentais são fatores que influenciam a participação na intervenção, mas não têm relação com os impactos da intervenção. Esse tipo de variável acaba gerando uma ‘aleatoriedade parcial’, que pode ser usada para reduzir (em grande parte) o viés de seleção¹¹.

- **Propensity Score Matching**¹²: os métodos de pareamento por escore de propensão são úteis quando a participação na intervenção é totalmente voluntária. Ele cria grupos de comparação ao combinar as pessoas a partir dos fatores que influenciam sua propensão a participar. Embora esses métodos estejam entre os mais comuns quando a intervenção é de participação voluntária, eles raramente conseguem lidar com o viés de seleção gerado justamente pela disposição das pessoas em participar da intervenção.

- **Differences in Differences:** o método de diferenças em diferenças (DID) procura medir o impacto por meio das diferenças entre grupos de tratamento e comparação ao longo do tempo. Ele compara as diferenças que ocorreram durante a intervenção para o grupo de tratamento e o grupo de comparação.

Seja o grupo de controle estabelecido aleatoriamente ou não, a construção da Avaliação de Impacto a partir dos métodos experimental e quase experimental deve levar em consideração a complexidade que envolve a definição deste grupo para a avaliação e a coleta de dados junto a ele, sobretudo em relação aos recursos financeiro e de tempo¹³.

¹¹ Um exemplo de aplicação deste método na avaliação de uma política pública de educação é apresentado no Anexo II.

¹² Outros métodos de pareamento, que não usam escore de propensão, podem ser incluídos nesta categoria, pois compartilham basicamente das mesmas propriedades.

¹³ É importante mencionar que o gasto desses recursos é reduzido quando há disponibilidade prévia de dados da amostra.

Os métodos não experimentais são aplicados quando as abordagens experimentais e quase experimentais não são possíveis ou desejáveis. Isto é, quando grupos de controle razoáveis não estão disponíveis¹⁴ ou quando este desenho se torna inviável diante da limitação de recursos ou dos desejos do investidor social. Nesses casos, a Avaliação de Impacto pode se valer de contrafactuais hipotéticos ou lógicos, em que se procura estabelecer uma estimativa do que aconteceria na ausência de uma intervenção, sem necessidade de um grupo de comparação.

O uso de contrafactuais hipotéticos ou lógicos só é apropriado quando o resultado da intervenção é razoavelmente previsível e os informantes-chave possuem um amplo conhecimento sobre os padrões habituais de resultados. É mais adequado quando os informantes não têm incentivo para apresentar um ponto de vista particular, ou onde o contrafactual hipotético relatado pode ser justificado e testado em relação a outras informações e outros informantes.

Nesse sentido, há metodologias de Avaliação de Impacto que não necessitam de grupo de comparação e buscam mesclar métodos para atender aos anseios do investidor social. É nessa direção que se apresenta a metodologia de Avaliação de Impacto chamada *Social Return on Investment* (SROI), ou Retorno Social do Investimento¹⁵, que compõe a gama de métodos não experimentais e se baseia nos princípios da avaliação custo-benefício¹⁶.

Investimentos são realizados com a finalidade de gerar um retorno, mesmo que intangível. Quando fazemos um investimento em uma intervenção, os impactos não são somente financeiros. Intervenções podem gerar melhorias de qualidade de vida como, por exemplo, um aumento da autoestima. Apesar de difíceis de mensurar, devemos medir o impacto para reportar à sociedade ou ao investidor. O SROI é um conjunto de princípios para a mensuração e valoração do impacto não financeiro de projetos, programas e negócios sociais e sua comparação com o valor investido. É, assim, uma metodologia que se baseia em custos financeiros para verificar se, no projeto, programa ou negócio social em análise, há uma relação positiva entre a unidade monetária investida e a unidade de impacto social resultante.

No entanto, a monetização do impacto socioambiental por meio desta metodologia não se resume à taxa SROI (o valor criado por

14 Isso pode acontecer, por exemplo, quando a intervenção cobre 100% do público-alvo, não restando ninguém para o grupo de controle, ou quando o grupo de controle é muito disperso, difícil de ser identificado.

15 O guia desta metodologia está disponível em:

http://idis.org.br/wp-content/uploads/2016/09/GUIA_SROI_PT_2.pdf

16 A principal organização atuando para o desenvolvimento do SROI mundialmente é a *Social Value UK*, que oferece cursos e processo de certificação na metodologia. Mais informações podem ser encontradas no site: <http://www.socialvalueuk.org/>.

capital investido) final da análise, uma vez que seu principal objetivo é apresentar a história da transformação social gerada. Essa história é levantada com aqueles que vivenciam as mudanças, ou seja, os beneficiários da ação social.

A participação dos *stakeholders* (partes envolvidas) é, de fato, ponto essencial para o SROI: é com eles que exploramos as principais mudanças geradas (classificadas pela metodologia como mudanças ‘materiais’, ou seja, aquelas que realmente importam) a serem incluídas na avaliação. Não é por acaso que este ponto é o primeiro dentre os princípios da metodologia, conforme apresentado abaixo:

PRINCÍPIOS E ESTÁGIOS DO SROI	
<ul style="list-style-type: none"> • Envolver os <i>stakeholders</i> • Entender o que mudou • Valorizar as coisas que importam • Apenas incluir o que é material • Não se apropriar de resultados dos outros • Ser transparente • Verificar os resultados 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Estabelecer o escopo e <i>stakeholders</i> chave 2. Mapear resultados 3. Estabelecer os indicadores de resultados e valorá-los 4. Entender o impacto 5. Calcular o SROI 6. Reportar

Fonte: Guia SROI

A avaliação SROI tem como função primordial gerar dados qualitativos, quantitativos e monetários que ajudam no processo decisório. Por meio da valoração dos impactos socioambientais, o SROI amplia a possibilidade de diálogo entre aqueles que têm pouco entendimento de intervenções sociais e se identificam melhor com a linguagem econômica, como o investidor, e aqueles que compreendem o valor do projeto, programa ou negócio social e as questões socioambientais por trás de sua existência, como, por exemplo, o gestor ou empreendedor social.

O SROI pretende ir além da avaliação de resultados e trazer objetividade a um impacto que, por ser subjetivo, muitas vezes é mal compreendido e/ou não avaliado. Desta forma, procura contribuir para a comunicação dos impactos sociais e a importância das ações socioambientais no desenvolvimento da sociedade¹⁷.

É importante ressaltar que os métodos não experimentais, embora sejam muito convenientes em situações onde não é possível ter um grupo de controle ou comparação, precisam estar fortemente ancorados em uma Teoria de Mudança bem estruturada para gerar argumentos de causalidade para a intervenção. Em outras palavras, sem a força do argumento do contrafactual, os métodos não experimentais devem confiar nas cadeias causais estabelecidas na Teoria de Mudança para justificar que os resultados encontrados podem, de fato, ser atribuídos à intervenção.

¹⁷ A aplicação dessa metodologia em um caso prático é apresentada na seção 5 deste artigo. Outras avaliações utilizando SROI foram realizadas no Brasil, e seus relatórios podem ser encontrados em: http://idis.org.br/wp-content/uploads/2017/08/SROI_CasaMaggica.pdf
<http://idis.org.br/wp-content/uploads/2017/01/relatorio-avaliac%CC%A7a%CC%83o-SROI-PIR.pdf>

4

DEFININDO A METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO DE IMPACTO

Como desenhar uma Avaliação de Impacto

O desenho da Avaliação de Impacto ou, em última instância, a escolha da metodologia, deve levar em conta inúmeros fatores, que agrupamos aqui em um tripé (conforme desenho de STERN et al. (2012):

1. Recursos disponíveis e restrições: incluindo prazo da avaliação, *timing* da intervenção, experiência e dados existentes, bem como normas definidas pela organização que opera o projeto ou negócio.
2. Natureza do que está em avaliação: características do projeto e da organização, muitas vezes descritas na Teoria de Mudança ou instrumento similar, como o estágio de maturidade do projeto ou negócio, a complexidade dos impactos analisados, entre outras.
3. Natureza da avaliação: em particular a sua finalidade, as principais questões de avaliação que se pretende responder (perguntas avaliativas) e definição da lista de *stakeholders* com os quais será necessário dialogar – bem como de seus requisitos na avaliação.

Ainda sobre a natureza da avaliação, a escolha da abordagem avaliativa deve, em última instância, considerar o objetivo e público ao qual se destina a avaliação¹⁸. A escolha de métodos não experimentais como o SROI, por facilitar o diálogo com investidores a partir da comparação do retorno social de diferentes iniciativas, pode ser mais apropriada se o principal interessado na avaliação é o conselho de uma empresa que realiza investimentos na área social. Por sua vez, estudos experimentais apresentam maior consistência e robustez quando se pretende comprovar os impactos de uma iniciativa de larga escala, como políticas públicas estaduais e nacionais.

Metodologias de avaliação de impacto podem ser classificadas segundo o nível de investimento em tempo e recursos necessários, seu grau de precisão e comparabilidade (LAZZARINI, 2018). Por nível de investimento, entendemos não apenas o montante financeiro necessário para a aplicação de cada metodologia, mas também o investimento em tempo da organização que está sendo avaliada e duração total do projeto. O nível de investimento, nesse sentido, acompanha quase sempre o nível de complexidade das técnicas, aumentando substancialmente na medida em que é customizado para as necessidades específicas de cada projeto.

O grau de precisão em uma avaliação de impacto se refere à capacidade que determinada técnica tem de aferir relações de causalidade entre os investimentos do programa e os resultados atin-

¹⁸ Há um guia prático para avaliação de negócios de impacto social, disponível em:

http://www.movesocial.com.br/wp-content/uploads/2017/11/2017_Guia-Pr%C3%A1tico_Avalia%C3%A7%C3%A3o-para-Neg%C3%B3cios-de-Impacto-Social_Artemisia_ABF_Move.pdf

gidos. Uma medida de impacto é mais precisa na proporção em que logra isolar o efeito próprio do programa sobre variáveis específicas respondendo à pergunta: O que ocorreria com o mesmo público alvo caso tais investimentos não tivessem sido realizados?

O sentido da comparabilidade neste contexto diz respeito à capacidade de estabelecer uma linguagem comum que torna possível estabelecer comparações entre investimentos realizados em distintas dimensões. Por exemplo, comparar resultados de um investimento realizado na área da saúde com outro na área de meio ambiente.

Métricas padronizadas (como GIIRS e IRIS) e sistemas de certificações internacionais (Sistema B) apostam na comparabilidade entre diferentes iniciativas, apoiando a transparência e a responsabilidade nas práticas de investimento social corporativo. Por usarem sistemas padronizados, reduzem muito o custo e a complexidade de aplicação, porém não uma preocupação intrínseca à precisão no sentido indicado acima. O SROI, ao propor a monetização de variáveis sociais, favorece a comparabilidade entre diferentes investimentos e investimento intermediário, pois geralmente é adaptado às necessidades específicas de cada projeto, que geram um cálculo de retorno distinto. Técnicas semi-experimentais e experimentais dependem de um grupo de comparação para que se possa, de distintos modos, estimar um contrafactual e, por isso, muitas vezes dependem de entrevistas com os beneficiários, fator que pode elevar bastante o investimento, porém garantir precisão nas estimativas.

O quadro abaixo é uma tentativa de sistematizar o grau relativo de investimento, precisão e comparabilidade de cada classe de metodologias e ferramentas, com o objetivo de situar cada uma em um quadro comparativo. As classificações “Alto”, “Médio” e “Baixo” foram pensadas para auxiliar na escolha inicial das metodologias e refletem as experiências dos autores e suas organizações, provendo uma orientação geral¹⁹. Todavia, cada caso deve ser visto separadamente e distintas metodologias podem ser usadas para diferentes propósitos dentro de uma organização ou projeto. É possível realizar, por exemplo, uma avaliação semi experimental com baixo investimento, caso já existam métodos automatizados de levantamento de dados, ou dados públicos já coletados, ao passo que uma avaliação experimental mal conduzida pode ter baixa precisão.

¹⁹ Elaborado com base no estudo Measuring the “impact” in impact investing (SO; STASKEVICIUS, 2015).

Quadro 1: Metodologias e ferramentas para avaliação de investimentos sociais

Metodologias e Ferramentas	Objetivo	Etapa do Ciclo do Investimento Social*	Investimento (tempo e recursos)	Precisão	Comparabilidade entre projetos	Referência
Métricas padronizadas e certificações						
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Global Impact Investing Report System (GIIRS)</i> • <i>Impact Reporting and Investment Standards (IRIS)</i> • Avaliação de Impacto B 	Apoiar a transparência, credibilidade e responsabilidade nas práticas de mensuração do investimento corporativo de impacto	3. Monitoramento do Impacto	Baixo	Baixo	Alto	https://iris.thegiin.org/guide/getting-started-guide/summary https://iris.thegiin.org/metrics http://bimpactassessment.net/pt-pt
Indicadores de resultados previstos na Teoria de Mudança*						
<ul style="list-style-type: none"> • Modelo Lógico 	Descrever o processo desejado para o impacto social, com uso de modelo lógico	1. Estimativa do Impacto 2. Planejamento do Impacto	Baixo	Varia de acordo com os indicadores definidos*	Médio	http://www.theoryofchange.org/
Desenhos quase experimentais						
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Difference in differences</i> • <i>Matching (Propensity Score Matching)</i> • <i>Regression Discontinuity Design (RDD)</i> • <i>Instrumental Variables</i> 	Estudar o impacto através da utilização de grupos de tratamento e de controle - sem designação aleatória	1. Estimativa do Impacto 4. Avaliação do Impacto	Alto	Alto	Baixo	https://redeitausocialdeavaliacao-producao.s3-sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/LIVRO_Av_Economica_2e_20160301_20170123.pdf
Retorno esperado; Análise custo-benefício						
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Social Return on Investment (SROI)</i> 	Estudar o impacto de um projeto ou programa, relacionando os benefícios (sociais, ambientais) do investimento com o seu custo	1. Estimativa do Impacto 3. Monitoramento do Impacto 4. Avaliação do Impacto	Médio	Médio	Médio	http://idis.org.br/wp-content/uploads/2016/09/GUIA_SROI_PT_2.pdf
Métodos experimentais						
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Randomized Control Trials (RCT)</i> 	Estudar o impacto através da utilização de grupos de tratamento e de controle - com designação aleatória	1. Estimativa do Impacto 4. Avaliação do Impacto	Alto	Alto	Médio	https://redeitausocialdeavaliacao-producao.s3-sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/LIVRO_Av_Economica_2e_20160301_20170123.pdf

*Nota: Conforme explicado, a Teoria de Mudança pode ser uma ferramenta útil para monitoramento e avaliação de programas sociais de modo mais abrangente, não constituindo uma “técnica” em si mesma para medição de impacto. A Teoria de Mudança produz indicadores de processos e resultados - sendo os indicadores de resultados importantes ponto de partida para a definição das técnicas mais apropriadas para a medição.

5 CASES

5.1. AVALIAÇÃO SROI DO PROGRAMA VIM

O Programa VIM

O Programa VIM (Valorizando uma Infância Melhor) é desenvolvido pela Fundação Lucia e Pelerson Penido (FLUPP), na região do Vale do Paraíba, em São Paulo, com foco em educação na primeira infância.

Metodologia

A organização optou pela metodologia SROI para a Avaliação de Impacto do programa no período de 2011-2014 com os objetivos de: 1) compreender o impacto do VIM nas crianças, suas famílias e educadores; 2) mostrar o valor gerado em retorno ao investimento realizado; 3) auxiliar a FLUPP no planejamento e decisões futuras.

A avaliação se concentrou no município de Roseira e envolveu uma série de etapas e métodos de coleta de informação, dentre elas: entrevistas, grupos focais, construção de Teoria de Mudança, desenvolvimento de indicadores, coleta de dados, definição de *proxies* (aplicação dos exercícios *Willingness-to-pay*, *Choice Experiment* e pesquisa de dados secundários) e análise de sensibilidade.

	Mudança/ Resultado	Incidência do Resultado		Contrafactual	Resultado pós-contrafactual	Viés de recall	Resultado pós viés de recall (25%)	Proxy financeira (R\$)*	Valor Social Gerado (R\$)	Valor Presente Líquido (VPL)
	Mudanças materiais levantadas na etapa qualitativa de coleta de dados (grupos focais e entrevistas)	Quantidade de indivíduos para os quais houve mudança completa		Subtrai-se as mudanças que teriam acontecido mesmo se o VIM não tivesse ocorrido		Subtrai-se uma compensação pela subjetividade nas respostas dadas em relação ao passado		Multiplica-se pelas <i>proxies</i> financeiras (dados secundários correspondentes a valores de mercado de serviços remunerados que atingem resultados similares às atividades do VIM ou levantamento direto com <i>stakeholders</i> em grupos focais)	Chega-se ao valor gerado para cada mudança em cada <i>stakeholder</i>	Para se chegar ao VPL, <i>stakeholders</i> foram questionados sobre suas percepções sobre o período de benefício para cada resultado identificado. Utilizou-se uma taxa anual de desconto (6,32%) e uma taxa anual de <i>drop-off</i> (50%), que é o percentual de queda do benefício ao ano, para se chegar ao VPL total
Educadores	Aperfeiçoamento Profissional	43	89%	39%	55%	25%	41%	2.432	47.831	84.008
	Melhora nas Relações Profissionais	39	82%	42%	47%	25%	35%	1.104	24.608	43.221
	Melhora na Autoestima	35	73%	44%	41%	25%	31%	1.318	19.475	34.204
Familiares de crianças de 4 a 5 anos	Melhora na vida familiar/ ambiente doméstico	101	91%	34%	60%	25%	45%	5.640	282.745	490.485
	Sentimentos Positivos	105	95%	33%	64%	25%	48%	3.552	188.898	327.687
Crianças de 4 a 5 anos	Melhora no desenvolvimento cognitivo	237	86%	33%	58%	25%	43%	3.552	426.078	739.129
	Melhora no desenvolvimento emocional	240	87%	34%	57%	25%	43%	6.400	758.484	1.315.762
	Melhora na sociabilidade	240	87%	34%	57%	25%	43%	1.104	130.989	227.229

3.261.726

*A base lógica e a fonte para as *proxies* podem ser consultadas no relatório completo da avaliação: http://idis.org.br/wp-content/uploads/2016/08/SROI_VIM_single.pdf.

<i>SROI</i>	=	$\frac{\text{Valor dos benefícios}}{\text{Valor dos investimentos}}$	=	$\frac{3.261.726}{799.836}$	=	4,08
-------------	---	--	---	-----------------------------	---	------

A avaliação *SROI* indicou que para cada R\$ 1 investido no VIM, R\$ 4,08 foram criados em valor social. Ou seja, o VIM gerou mais de quatro vezes valor social em relação ao montante investido.

Conclusão

A avaliação *SROI* trouxe evidências claras e fundamentadas de que o VIM tem um impacto significativo no desenvolvimento das crianças pequenas, o grupo mais beneficiado pelo Programa. Os resultados demonstraram melhoria nos indicadores estabelecidos de desenvolvimento cognitivo, estado emocional e/ou sociabilidade, dando à FLUPP o embasamento necessário para continuar o seu trabalho. A avaliação se mostrou uma ferramenta poderosa para auxiliar no processo decisório da organização, que, após estes resultados, decidiu ampliar o VIM para outros municípios da região.

5.2. AVALIAÇÃO DO NEGÓCIO SOCIAL MORADIGNA (TEORIA DE MUDANÇA E DASHBOARD DE KPIS)

Moradigna

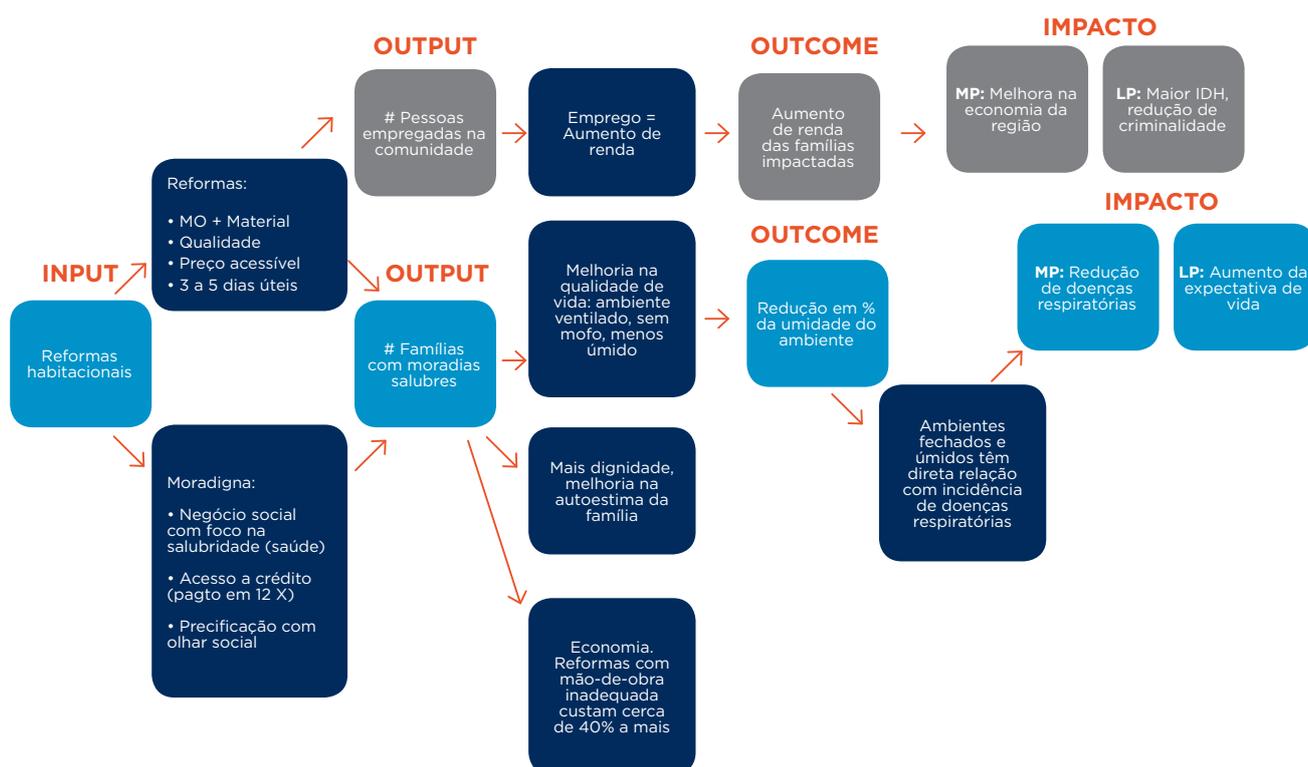
Negócio social localizado no bairro do Jardim Pantanal, Zona Leste de São Paulo, que oferece serviços de reformas habitacionais com foco na qualidade de vida e salubridade para classes C, D e E. No Brasil, existem mais de quarenta milhões de pessoas vivendo em moradias insalubres. Tratam-se de ambientes sem ventilação, iluminação adequada, extremamente úmidos e com reformas inacabadas, que muitas vezes se tornam foco de doenças diversas, como pneumonia e diarreia.

Através do serviço da reforma *express*, o Moradigna visita as residências, identifica os principais cômodos insalubres e faz a proposta de reforma. O valor da reforma pode ser parcelado em até 12 vezes e inclui material de construção e a equipe de mão de obra que, normalmente, finaliza o serviço em até cinco dias úteis.

Metodologia

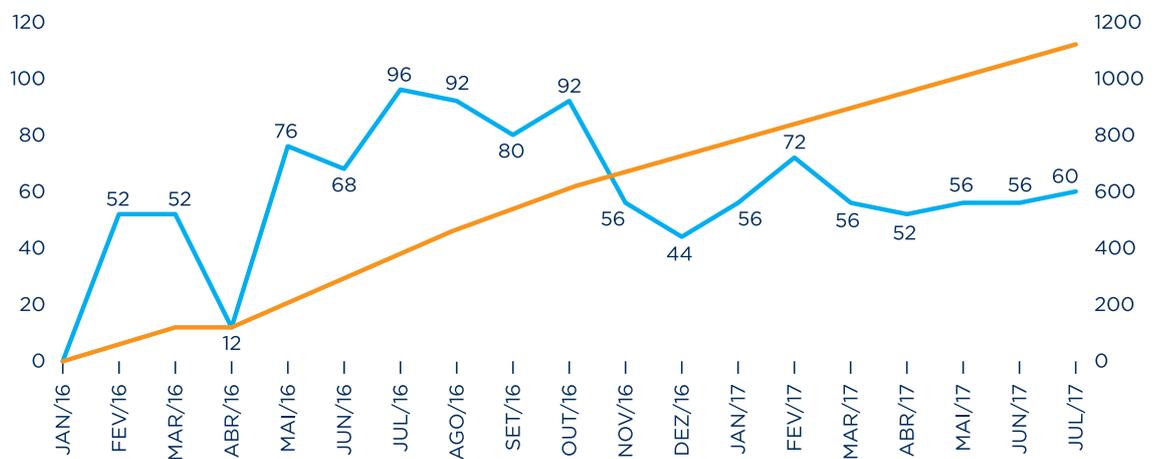
Considerando a necessidade de medição e a escassez de recursos, a Yunus Negócios Sociais Brasil, no papel de aceleradora e investidora, e o Moradigna optaram por um método prático, com dados simples de serem medidos pelo próprio empreendedor e com baixos custos.

Na etapa 1 de planejamento de impacto foi desenhada a Teoria de Mudança. Com base no resultado da teoria, foram definidos KPIs (*Key Performance Indicators*) de *outputs* a serem medidos pelo empreendedor. A tabela abaixo mostra a evolução do exercício da Teoria de Mudança.



Para a etapa 2 de monitoramento de impacto, um painel de indicadores sociais foi desenvolvido. Essa ferramenta é atualizada mensalmente pelo negócio, considerando basicamente duas métricas: a) quantidade de vidas impactadas diretamente pelas reformas; b) quantidade de empregos diretos gerados pelo negócio, considerando que se trata de um serviço de mão-de-obra intensiva (vide gráficos I e II abaixo). Em adição à etapa de monitoramento, a Yunus também coleta dados qualitativos através de entrevistas com usuários finais beneficiados pelas reformas, com o objetivo de comprovar o impacto no campo e na prática.

I. Vidas Impactadas



I. O eixo primário mostra os dados de vidas impactadas mensalmente, enquanto o eixo secundário mostra o acúmulo de vidas impactadas desde janeiro de 2016. Em julho de 2017, um total aproximado 1.128 pessoas haviam sido impactadas por 282 reformas habitacionais.

II. Número de Empregados



II. O gráfico acima mostra o número de empregos diretos gerados pelo Moradigna por mês. O número varia de acordo com a demanda por reformas habitacionais. O pico ocorre no mês de outubro de 2016, com 30 empregados. Atualmente, o negócio possui 25 empregados.

Finalmente, para a etapa 3 de Avaliação de Impacto, a Yunus faz, juntamente com o empreendedor, uma avaliação anual das evoluções e projeta as metas para o ano seguinte. Este processo de revisão é sempre questionador, no sentido de ganhar escala, impactando em número maior de vidas.

Conclusão

Levando em consideração o período ainda curto de coleta de dados (18 meses) e a falta de recursos financeiros para a medição e avaliação de impacto, o processo metodológico utilizado no caso Moradigna atende às necessidades dos investidores e do negócio social. É inegável que as reformas habitacionais impactam diretamente na melhoria da salubridade dos beneficiários e também em outros aspectos intangíveis, como aumento de dignidade e autoestima. Porém, a avaliação de impacto em si carece de profundidade, pois está restrita apenas aos *outputs* e não avalia o real impacto de melhoria na saúde dos beneficiários finais e do aumento de renda dos empregados do negócio, ambas métricas identificadas no desenho da Teoria de Mudança.

5.3. AVALIAÇÃO QUASE EXPERIMENTAL DO CASE GEEKIE GAMES

Geekie Games

O *Geekie Games* é uma plataforma que auxilia estudantes de ensino médio a se prepararem para exames, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A plataforma avalia os estudantes ao longo da preparação para o exame e gera planos de estudo personalizados com acesso a atividades virtuais, conforme a evolução de seu desempenho. O foco desta Avaliação de Impacto foi sobre a capacidade do *Geekie Games* de elevar o desempenho de seus usuários.

Metodologia

Nesta avaliação usamos a nota dos simulados da própria plataforma como indicadores de impacto. Como o uso da plataforma é totalmente voluntário, optamos por uma metodologia de pareamento por escore de propensão, em que o grupo de controle é formado pelos estudantes que se cadastraram na plataforma, mas não fizeram uso dela, isto é, não seguiram os planos de estudo e não acessaram os materiais disponibilizados.

Para encontrar os estudantes não usuários (grupo de controle) mais parecidos com os usuários (grupo de tratamento), calculamos o escore de propensão a participar do *Geekie Games* com base em dados de perfil: gênero, idade, escolaridade da mãe, condição de estudo e trabalho, experiência anterior no ENEM, UF e características da escola que frequenta.

O pareamento seleciona o grupo de estudantes não usuários mais parecido com os usuários. A próxima tabela mostra que os grupos de tratamento e de controle já eram, na média, estatisticamente iguais em quase todas as características, exceto três: escolaridade da mãe, experiência com ENEM e rede de ensino que frequenta.

	Controle	Tratamento
Idade média	20.4	20.0
Proporção de homens	40.9%	40.2%
Proporção de mães com até EM completo	52.1%	56.2%
Proporção de estudantes	79.5%	66.0%
Proporção que trabalha	26.0%	25.7%
Proporção que já fez ENEM	58.9%	78.0%
Proporção de oriundos de escolas públicas	80.4%	73.1%
Média de escola no ENEM em 2012 (CN)	475.2	480.9
Média de escola no ENEM em 2012 (CH)	519.5	527.8
Média de escola no ENEM em 2012 (LC)	489.3	496.6
Média de escola no ENEM em 2012 (MT)	511.1	523.0

Devido à disponibilidade de notas dos simulados no início e no fim do ciclo de estudos do *Geekie Games*, foi possível combinar o método de pareamento com o método de diferenças em diferenças, tornando a Avaliação de Impacto mais robusta.

A amostra final da avaliação foi de 4.600 usuários, entre tratamento e controle, de um universo de cerca de 800 mil pessoas cadastradas na plataforma. Como a participação no *Geekie Games* envolvia duas atividades básicas (listas de exercícios e videoaulas), foi possível calcular os impactos de cada uma delas sobre as notas dos estudantes.

Conclusão

A avaliação mostra, então, que assistir às aulas virtuais é a atividade que gera maior impacto sobre as notas. Em média, esta atividade eleva em 24,61 pontos a média geral dos simulados, 27,27 pontos em Ciências Naturais, 44,96 pontos em Humanas e não geram impactos estatisticamente significativos sobre Línguas e Matemática.

Estimativas do impacto do <i>Geekie Games</i> sobre as notas do simulado final					
Modelos com amostras pareadas					
	Média geral	Ciências Naturais	Ciências Humanas	Línguas	Matemática
Tratamento: qualquer atividade	12.69	-8.55	24.51	-1.64	10.01
Tratamento: listas	11.23*	18.13	0.498	-0.97	13.06
Tratamento: aulas	24.61***	27.27***	44.96***	15.35	10.84
N.Obs	4,646	1,462	1,462	861	861

Erro-padrão entre parênteses. resultados significativos: *** 1%, ** 5%, * 10%

Variáveis usadas no pareamento: gênero; idade; escolaridade da mãe; se estuda; se trabalha; se já fez ENEM.

A Avaliação de Impacto permitiu, ainda, mostrar que a realização de listas de exercício, embora gerem impacto positivo de 11,23 pontos, são menos efetivas em aumentar o desempenho dos estudantes.

Estes resultados, além de confirmarem a efetividade da plataforma em cumprir seu objetivo de melhorar o desempenho dos estudantes, mostrou que o engajamento nas aulas virtuais é essencial para o sucesso da plataforma, pelo menos em algumas disciplinas. A avaliação, ao esclarecer que as listas de exercícios são menos efetivas na melhoria do desempenho, abriu à *Geekie* a oportunidade de reformar tais atividades em busca de aumentar seu impacto.

6 COMENTÁRIOS FINAIS

Avaliações de impacto são uma parte importante da área maior de monitoramento e avaliação de programas e negócios sociais na medida em que fornecem elementos para a tomada de decisões de qualidade e em tempo hábil para o gestor ou empreendedor social. Além disso, o desenvolvimento de uma cultura de medição de impacto tende a elevar o nível de qualidade de intervenções sociais, na medida em que estimula a revisão periódica de suas hipóteses e condições de operação.

A avaliação é, antes de tudo, um processo de aprendizagem, no qual as hipóteses de trabalho, as metodologias e instrumentos de coleta de dados serão postos à prova, com o nobre objetivo de criar uma cultura de aperfeiçoamento dos processos de geração de valor social.

Os principais obstáculos apresentados pelas organizações - restrições orçamentárias e pouco nível de conhecimento - podem ser contornados por meio da abordagem incremental, em que as organizações partem de dados já existentes ou passíveis de coleta sem custos adicionais, pela própria organização, e gradualmente adaptam seu processo de medição para captar os efeitos da intervenção. Ou seja, ao invés de iniciar com técnicas quantitativas complexas, baseadas em aleatorização completa, que demandam grandes esforços com o desenho de grupos de controle e coleta de dados, as organizações podem combinar uma série de técnicas mais simples e conectadas com o dia a dia do programa, projeto ou negócio, migrando de indicadores de processos para indicadores de resultados e medição do impacto gerado.

A questão circular que se coloca é se os recursos financeiros e humanos necessários para realizar a avaliação de programas, projetos e negócios sociais são efetivamente muito superiores ao valor gerado por estas avaliações, ou se, simplesmente, não se prevê tais recursos justamente porque não há cultura de avaliação no país e, em virtude disso, o valor percebido pelos acionistas e financiadores é considerado baixo.

Esperamos que a crescente difusão de materiais e conteúdos sobre o tema, como a produção deste artigo, apoie essa mudança cultural, que envolve necessariamente a valorização da Avaliação de Impacto Social e a disponibilização de conhecimentos que permitam ao gestor ou empreendedor social realizar avaliações com autonomia e segurança.

Amostra da pesquisa

Participaram do estudo 86 profissionais pertencentes a cerca de 80 organizações (10 respondentes não revelaram o nome das organizações para as quais trabalham). Quase dois terços das organizações participantes são institutos, fundações e associações, sendo a maior parte (45,4% do total de respondentes) composta por institutos, fundações e associações privadas, seguida por fundações ligadas a corporações (18,6%) e, por fim, institutos e fundações públicas (5,8%). As categorias de empresas privadas de médio e grande porte e negócios sociais corresponderam cada uma a 8,1% do total de respondentes, ao passo que pequenas e microempresas representaram menos de 6% do total de respondentes.

Em relação ao cargo ocupado pelos respondentes, quase metade (46%) ocupa a posição de principal dirigente da organização, agrupando fundadores, presidentes, diretores executivos e presidente do conselho de administração. Cerca de um quarto (25%) ocupa cargos de diretoria e gerência, 20% ocupam cargo de coordenação de programas e projetos e o restante é composto por analistas.

A área de atuação das organizações participantes mostrou-se bastante pulverizada, sendo que 20,9% delas se dedicam à educação e pesquisa, seguidas pelo impacto socioambiental e pela área da saúde, cada uma com 10 respondentes ou cerca de 11,6% do total. Aproximadamente 8% se classificaram como organizações de assistência social e 7% como organizações voltadas ao desenvolvimento comunitário. Fomento à cultura e arte, proteção do meio ambiente, primeira infância e defesa de direitos foram outras áreas relevantes.

Resultados

A grande maioria (90,7%) das instituições respondentes declararam realizar o monitoramento de seus projetos - sendo que 65% declararam realizar o monitoramento de todos os seus projetos - porém, os números caem quando se substitui o termo 'monitoramento' por 'Avaliação de Impacto': 17,4% reportaram realizar a avaliação de todos os seus projetos, ao passo que 54,7% declararam realizar Avaliação de Impacto em pelo menos um projeto de sua organização²⁰. Dentre as organizações que afirmaram realizar o monitoramento de todos os seus projetos, cerca de um terço (31,9%) também realizou a Avaliação de Impacto de todos seus projetos.

Nenhuma das empresas sociais que responderam à pesquisa avaliaram o impacto de todos os seus projetos, embora a maior parte

²⁰ Para a análise deste dado, deve-se levar em consideração que a grande maioria dos respondentes da pesquisa são de institutos, fundações e associações, tipos de organização consolidados no Terceiro Setor décadas antes do aparecimento dos negócios sociais.

avaliar pelo menos o impacto de um ou mais projetos. Das quinze organizações que declararam avaliar o impacto de todos os seus projetos, onze são fundações privadas.

Mais da metade dos respondentes (57%) apontaram a comprovação da eficiência do projeto como principal uso da Avaliação de Impacto. Pouco menos de um terço (31,3%) apontou que a segunda função mais importante é servir como instrumento de aperfeiçoamento do próprio projeto e/ou futuros projetos semelhantes. Comprovar o retorno financeiro do projeto ou negócio social foi apontado em primeiro lugar por menos de 6% dos respondentes.

Dentre o grupo de presidentes e fundadores, as respostas não foram muito divergentes: cerca de 55% informaram que avaliar “a eficácia do projeto, provar que provocou mudanças, que houve impacto positivo” é a principal motivação para medir impacto, também seguida de servir como aperfeiçoamento para o próprio projeto ou projetos futuros.

Metodologia

Quando perguntados sobre quais mecanismos são usados na etapa de construção da avaliação, as respostas mais citadas foram o desenvolvimento de indicadores (75,6%), seguida da construção de um marco zero e a construção de perguntas avaliativas (51,2%). A construção de Teoria de Mudança (39,5%) e Matriz de Avaliação (34,9%) foram outros mecanismos citados.

Apenas 8,1% dos entrevistados disseram que os métodos de investigação usados na medição de impacto foram especialmente desenvolvidos para os projetos de sua organização, ao passo que em 32,6% dos casos, métodos pré-existentes foram adaptados às necessidades da organização. Cerca de 14% dos respondentes afirmaram que sua empresa não realiza ou não se interessa por avaliações de impacto.

A expressiva maioria destacou que o principal destinatário das avaliações de impacto é o conselho de administração da organização (75,6%), seguida da própria equipe do projeto (73,3%). Os beneficiários do projeto aparecem longe, na terceira posição (48,8%), seguidos da ‘sociedade em geral’ (44,2%). Patrocinadores, investidores, apoiadores e voluntários surgem bastante longe, com apenas 1,2% cada. Tais resultados levam a crer que, embora o conselho de administração seja o principal receptáculo de avaliações de impacto, parece estranho que investidores e apoiadores institucionais apareçam em última prioridade no momento de divulgar os resultados. Chama a atenção, também, a pouca ênfase dada aos próprios beneficiários do projeto, que, ao menos em tese, deveriam ser os principais interessados em conhecer os resultados.

Quando perguntado sobre qual o desenho utilizado para conduzir a pesquisa, duas modalidades se destacaram: 64% afirmaram usar

a técnica de métodos mistos, em que dados qualitativos e quantitativos são integrados no estudo. Cerca de 61% afirmaram usar apenas métodos qualitativos para suas pesquisas, definido aqui como avaliação com base na análise do discurso dos beneficiários.

O desenho experimental com grupos de tratamento e controle foi apontado como uma das técnicas utilizadas por 26,7% dos respondentes, seguido pelo desenho não experimental, com cerca de 16%, em que, à diferença do desenho experimental, a seleção dos indivíduos para cada grupo não é feita por sorteio. Por fim, 8,1% declararam usar o SROI – *Social Return on Investment*, que é uma abordagem de monetização do impacto.

II. UTILIZAÇÃO DE VARIÁVEIS INSTRUMENTAIS NA AVALIAÇÃO DA POLÍTICA DE VOUCHERS NA COLÔMBIA²¹

A política

O Programa de *Ampliación de Cobertura de la Educación Secundaria* (PACES) é uma política da Colômbia que distribuiu mais de 125 mil *vouchers* a alunos de ensino médio. Os *vouchers* poderiam ser usados para cobrir os custos de uma escola privada à escolha do aluno. O objetivo desta política era melhorar o desempenho dos estudantes ao promover maior acesso às escolas privadas.

Metodologia

Por causa do orçamento limitado do PACES, parte dos *vouchers* foi sorteada. Outra parte foi distribuída por ordem de chegada e o perfil das famílias. Por não ser um desenho completamente aleatório, foi preciso usar uma metodologia não experimental: variáveis instrumentais.

Esta metodologia procura aproveitar um fator aleatório (neste caso, o sorteio dos *vouchers*) que estimulou parte dos alunos (os ganhadores do sorteio) a aderir ao programa para corrigir o viés de seleção e calcular o impacto da distribuição dos *vouchers*.

Conclusão

Os autores concluíram que os alunos que participaram do programa de *vouchers* tiveram 10% mais chance de completar o 8º ano e, em média, 0,2 desvios padrão a mais nas notas de testes padronizados. Eles também descobriram que os efeitos educacionais eram maiores para as meninas do que para os meninos.

Os pesquisadores, então, analisaram o impacto do programa em vários resultados não educacionais e descobriram que os alunos com voucher eram menos propensos a se casar e trabalhavam cerca de 1,2 horas menos por semana.

21 Publicado no artigo “*Vouchers for Private Schooling in Colombia: Evidence from a Randomized Natural Experiment*”, da *American Economic Review* (2002), pelos pesquisadores Joshua Angrist, Eric Bettinger, Erik Bloom, Elizabeth King e Michael Kremer.

III. GUIAS

Avaliação para negócios de impacto social - Guia Prático, 2017. Concepção e Coordenação: Artemisia e Agenda Brasil do Futuro; realização técnica: Move Social. Disponível em:

http://www.movesocial.com.br/wp-content/uploads/2017/11/2017_Guia-Pr%C3%A1tico_Avalia%C3%A7%C3%A3o-para-Neg%C3%B3cios-de-Impacto-Social_Artemisia_ABF_Move.pdf

Acesso em: 08 de fevereiro de 2018.

Guia para Avaliação de Impacto Socioambiental para Utilização em Investimentos de Impacto, 2017. Insper Metricis. Disponível em:

<https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/Avaliacao-Impacto-Socioambiental-Investimentos-Guia.pdf>

Acesso em: 08 de fevereiro de 2018.

Um guia para o retorno social do investimento. Social Value International, 2012. Tradução IDIS e Charities Aid Foundation. Disponível em:

http://idis.org.br/wp-content/uploads/2016/09/GUIA_SROI_PT_2.pdf

IV. BASES DE DADOS SECUNDÁRIOS

Atlas do Desenvolvimento Humano: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>

Dados do Ministério da Justiça: <http://dados.mj.gov.br>

Data Popular: <http://datapopular.com.br/>

Data SUS - Informação em Saúde: <http://datasus.saude.gov.br/>

Fora da Escola não Pode: <http://www.foradaescolanaopode.org.br/>

Índice de Progresso Social: <http://www.progressosocial.org.br/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (canais):

http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#canais

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (cidades):

<https://cidades.ibge.gov.br/>

Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA:

<http://www.ipea.gov.br/portal/>

Observatório do PNE: <http://www.observatoriodopne.org.br/>

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40

Portal do Censo SUAS:

<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmps/portal-censo>

QEdu -Informações sobre educação básica: <http://www.qedu.org.br/>

Sistema Integrado de Monitoramento da Execução e Controle:

<http://simec.mec.gov.br/pde/graficopne.php>

BIBLIOGRAFIA

ANGRIST, J., et. al., 2002. Vouchers for Private Schooling in Colombia: Evidence from a Randomized Natural Experiment. *The American Economic Review*, dezembro, 2002. Disponível em: <https://economics.mit.edu/files/24>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2018.

Artemisia. Impacto Social. Disponível em: <http://artemisia.org.br/conteudo/negocios/impacto-social.aspx>
Acesso em: 16 de fevereiro de 2018.

IDIS, 2015. Avaliação SROI do Programa VIM - Valorizando uma Infância Melhor. Disponível em: http://idis.org.br/wp-content/uploads/2016/08/SROI_VIM_single.pdf

IDIS, 2015. Mensurando o valor criado pelo Projeto Primeira Infância Ribeirinha: Uma Análise de Retorno Social do Investimento. Disponível em: <http://idis.org.br/wp-content/uploads/2017/01/relatorio-avaliac%CC%A7a%CC%83o-SROI-PIR.pdf>

IDIS, 2016. Mensurando o valor criado pelo Projeto Casa Maggica - Uma Análise de Retorno Social do Investimento. Disponível em: http://idis.org.br/wp-content/uploads/2017/08/SROI_CasaMaggica.pdf

LAZZARINI, S.G. 2018. The measurement of social impact and opportunities for research in business administration. *RAUSP Management Journal*, 53, 134-137.

OWEN, J & ROGERS, P 1999. Program evaluation: forms and approaches, Allen & Unwin, St Leonards, NSW.

PEIXOTO, B., et al., 2016. Avaliação econômica de projetos sociais. Fundação Itaú Social. Disponível em: https://redeitausocialdeavaliacao-producao.s3-sa-east-1.amazonaws.com/wp-content/uploads/LIVRO_Av_Economica_2e_20160301_20170123.pdf
Acesso em: 22 de novembro de 2017.

Pipe Social, 2017. 1º Mapa de Negócios de Impacto Social + Ambiental. Disponível em: <https://pipe.social/mapa2017>. Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

PNUD, 2009. Handbook on planning, monitoring and evaluating for development results. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://web.undp.org/evaluation/handbook/documents/english/pme-handbook.pdf>
Acesso em: 14 de dezembro de 2017.

SHADISH, W et al. 2002. *Experimental and Quasi-Experimental Designs for Generalized Causal Inference*, Houghton Mifflin Company, Boston.

SO, Ivy; STASKEVICIUS, Alina, 2015. Measuring the “impact” in impact investing. MBA Harvard Business School. Disponível em: <https://www.hbs.edu/socialenterprise/Documents/MeasuringImpact.pdf>
Acesso em: 22 de novembro de 2017.

STERN, E et al. 2012. Broadening the range of designs and methods for impact evaluations, Working Paper 38, Department for International Development, London.

WHITE, Howard. 2011. *An introduction to the use of randomized control trials to evaluate development interventions*. The International Initiative for Impact Evaluation (3ie), Working Paper 9, February 2011. Disponível em: http://www.3ieimpact.org/media/filer_public/2012/05/07/Working_Paper_9.pdf
Acesso em: 06 de dezembro de 2017.



Instituto para o
Desenvolvimento do
Investimento Social

CAF Charities Aid
Foundation